



Revista APMED - Volume 1 - Número 2 - Dezembro de 2022

---

## BEM QUE ELA DISSE ...

Wilberto Trigueiro

Membro da Academia Paraibana de Medicina

A vida é repleta de histórias a contar, em qualquer que seja a profissão exercida, ficando muitas delas, principalmente as mais marcantes, permanentemente gravadas na nossa mente.

Citarei uma que se passou comigo nos idos de 1970, praticamente no início de minha carreira profissional. Jovem ainda, precisava adquirir a confiança daqueles que me indicavam e principalmente dos familiares de nossos pequenos pacientes.

Era uma manhã de sol de uma quinta-feira santa, que iniciava um feriado prolongado. Já o programara com outros amigos e a família, aproveitar a merecida folga no *resort* Hotel Tavares Correia, em Garanhuns, local apazível e muito procurado à época.

Fiz a reserva, com pagamento antecipado, e seria a primeira vez que lá iria, por indicação do Dr Francisco Diniz, frequentador assíduo.

Estava em casa logo cedo naquele dia, com as malas já arrumadas para viajar, quando toca o telefone e prontamente o atendi. Era uma solicitação feita pelo plantonista de um hospital pediátrico, para avaliar uma paciente com dor abdominal. De imediato, troquei a roupa e lá fui, esperando logo retornar, pois imaginava tratar-se de algum problema de imediata resolução. Chegando ao nosocômio, procurei informações com a atendente, sendo logo apresentado à família, que já me esperava ansiosa na recepção, sendo conduzido ao apartamento para examinar sua filha. Tratava-se de uma linda garotinha de sete anos de idade com bom estado geral, internada naquela manhã, doente há umas 12 horas, com quadro de vômito e dor abdominal. Após uma breve anamnese, expliquei a ela que iria examinar bem de leve sua barriguinha para que ficasse logo boa e voltasse para casa. Inicialmente não colaborou muito, talvez por palpação anterior dolorosa, que a amedrontou. Procurei de forma muito delicada

desviar sua atenção e angariar a confiança para conseguir chegar ao local onde referia a dor. Notei algum desconforto no local do apêndice.

A família encontrava-se tensa pelo tempo que passei examinando, talvez por imaginar que seria um caso de diagnóstico corriqueiro. O exame de sangue, feito no dia anterior, tinha sido normal. Pensei logo na possibilidade de apendicite aguda, mas, à época, não dispúnhamos de exames de imagem, como a ultrassonografia, etc, para descartar outras hipóteses diagnósticas, cirúrgicas ou não. Prevalciam basicamente a experiência, o bom senso e o tirocínio do médico – que devem sempre permear o exercício do mister para o êxito do diagnóstico e da terapêutica a ser instituída.

Comuniquei aos familiares que iria refazer os exames e, ao explicar da minha impressão inicial, eles até um pouco arrogantes - talvez porque estivessem como internação particular -, fato que só vim a saber bem depois, logo disseram: “se o senhor acha que aqui não tem condição diga, que levamos pra Recife”. Aquilo determinou uma enorme pressão sobre mim. Discretamente, afastei-me e perguntei à enfermeira se os amigos cirurgiões César Nóbrega ou Paulo Germano Furtado viriam ao hospital naquele dia para passar visita a algum paciente, mas a resposta foi negativa. Gostaria muito que outro colega examinasse. Escrevi tudo no prontuário e fui embora intranquilo pela responsabilidade e a vontade de definir logo o quadro, à espera de que, logo que aprontassem os exames, me avisassem, já que não havia laboratório de plantão.

Àquela altura o final de semana estava comprometido. A manhã estava acabando. Por volta das 16 horas, lá retornei e senti o abdome mais doloroso e o leucograma era compatível com quadro infeccioso. Fiquei, então, bem mais confiante no diagnóstico de apendicite aguda. Expliquei aos pais essa possibilidade e logo disseram: “o senhor garante que é isso mesmo? “. Respondi que era o mais provável e esperar mais não seria aconselhável. Aceitaram a indicação cirúrgica e o desafio maior naquele momento seria aguardar a chegada da enfermeira da sala de cirurgia, já que não havia plantonista, bem como do cirurgião auxiliar e do anestesiológico. Consegui falar com César, que gentilmente se prontificou a ajudar, mas o querido e grande anestesista Clócio Beltrão tinha ido à fazenda e só voltaria no finalzinho da tarde. Realmente, Clocinho era um dos poucos que faziam, naquele tempo, anestesia em crianças.

Finalmente, começamos a cirurgia lá pelas 19 horas. Logo aquela ansiedade passou, pois, ao abrimos a cavidade abdominal, estava lá o apêndice edemaciado e bem avermelhado, caracterizando um quadro agudo inicial, sendo imediatamente removido.

Alegre, logo depois da cirurgia fui conversar com os pais, tranquilizando-os sobre a cirurgia e afirmando que, em breve, sua filha teria alta.

De imediato, a mãe enfaticamente se pronunciou “bem que a empregada lá de casa disse que era apendicite“. Ouvi aquilo de forma chocante e inesperada; um sorriso sem graça esboçou-se em meus lábios: dedicara um dia inteiro para chegar a um diagnóstico seguro, para não realizar uma cirurgia desnecessária, ou mesmo postergá-la, e recebia aquele imerecido reconhecimento!

A criança evoluiu bem, e quando passei na recepção para deixar o valor dos honorários para a equipe médica, já que nada tinha sido acertado antes, o que era comum à época, a recepcionista disse:” não é mais particular doutor, eles trouxeram uma guia do convênio e os senhores receberão pelo hospital“.

Certamente, o caráter particular do atendimento nunca pesou nem foi levado em consideração, mas sim o melhor atendimento para aquela criancinha. Meu final de semana não foi como anteriormente programado, mas recompensado com um final tranquilizador para todos, apesar das reclamações lá em casa, pois todos ansiavam por um belo passeio.

Afinal de contas, a vida de médico tem dessas coisas, e o que deve sempre prevalecer é o compromisso com a saúde do ser humano, preceito que deve sempre nortear o exercício de nossa nobre profissão.